

95 III

Denise Anne Cantrell

QUALIDADE TOTAL

NA EDUCAÇÃO:

Uma prática político-ideológica.

Rio de Janeiro

1995

Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO)
Centro de Ciências Humanas
Escola de Educação
Curso de Pedagogia

**Qualidade Total na Educação :
uma perspectiva político - ideológica.**

Trabalho realizado em cumprimento
a exigência da disciplina Monografia II
(DID 039).

Por: *Denise Anne Cantrell*
Orientadora: *Ligia M.C.da C.Coelho*

Rio de Janeiro
1995.2

Dedicatória

À minha família,
À família Palma,
À família Marques,
À família Souza de Macedo,
Às professoras Lígia, Suely e Gilda.

Agradecimentos

À Lígia, minha orientadora, pela grande ajuda.
À Professora Suely, pela inspiração no tema do trabalho.
À Professora Gilda, pela paciência na entrega da monografia.
À amiga Maria Lúcia Souza de Macedo, pelo carinho e amizade.
À Amélia e Mário, que durante anos me acolheram na sua casa.
Ao Afonso, pelo incentivo aos estudos.
Às amigas Alessandra, Alice e Tânia, pela convivência diária na faculdade.
Aos amigos Ivan, Sandra, Alice, Najla e Samir, pelo apoio no uso do computador.
A todos os meus amigos, que contribuíram para a realização deste trabalho,
compreenderam as minhas ausências e aturaram os meus ataques de irritações.

*"Se teus projetos têm prazo de um ano, semeia trigo.
Se teus projetos têm prazo de dez anos, planta árvores frutíferas.
Se teus projetos têm prazo de um século, então educa o povo.
Porque, semeando trigo, terás uma colheita;
plantando árvores frutíferas,
obterás cem colheitas.
Mas, educando o povo,
colherás mais de cem vezes.
Se deres um peixe a uma pessoa,
ela comerá uma vez.
Se ensinares a pescar,
ela comerá a vida inteira ..."*

(Kuan Tseu, poeta chinês do século VII d.C)

Índice

pág.

O “novo milagre” educacional : em busca da qualidade..... 1

Capítulo 1

Economia global : não há progresso na estagnação..... 4

1.1 - Qualidade Total como método gerencial..... 7

Capítulo 2

Educação : desafios no novo século..... 13

2.1 - Refletindo sobre Educação e suas principais teorias..... 14

2.2 - Educação, para além das teorias ?..... 20

2.3 - Educação, hoje..... 22

Capítulo 3

Escola pode ser um bom negócio..... 27

3.1 - Qualidade Total na Educação..... 28

3.2 - A Escola de Qualidade Total: No Brasil Total..... 32

Reflexões críticas sobre a Qualidade Total na Educação..... 35

Referência Bibliográfica..... 42

O "novo milagre" educacional : em busca da qualidade.

Sabe-se que o Brasil é um país com graves deficiências em educação e que tem ambições no cenário mundial. No entanto, estas duas constatações se contradizem, pois não há país forte sem um processo de educação pelo menos razoável. (Demo, 1993)

Exatamente neste momento, surgem propostas de renovação educacional articuladas aos interesses do ramo produtivo/empresarial. Passa-se, então, a advogar uma "Escola de Qualidade" que seria o "milagre" para solucionar todos os males da educação brasileira.

Compreendendo que não se trata de um puro modismo, a adoção do discurso da "Qualidade Total" não pode ser encarado como neutro e sem maiores significados nas diversas esferas da sociedade (sociais, políticas, econômicas, pedagógicas, etc), nem como se fosse apenas mais uma metodologia de trabalho para as escolas.

Para esta concepção, todos os problemas existentes no sistema educacional brasileiro são oriundos da má administração ou da má gestão, retirando, assim, do cenário educativo as questões sociais e políticas inerentes a toda esta problemática.

Nos meios educacionais, a discussão se inicia e, por ser um assunto novo no Brasil, são poucas as reflexões mais profundas e críticas acerca de suas implicações e consequências na educação. Afinal, o que se

entende por Escola de Qualidade Total ? O que se entende por qualidade?
Qualidade para quem ? A quem interessa a qualidade ?

A escolha do tema deste trabalho - "*Qualidade Total na Educação*" - se deve, justamente, a essas indagações e também ao fato de ser um assunto que só agora começa a ganhar corpo na área da educação.

Refletir sobre as propostas da EQT (Escola de Qualidade Total), ou seja, a aplicação dos princípios empresariais de controle de qualidade no campo pedagógico e tentar informar os educadores sobre as mesmas são as intenções deste trabalho, pois o que está em jogo não é uma simples disputa terminológica, mas um movimento cuja reflexão *deve* abarcar as práticas políticas e sociais concretas.

Por isso, o trabalho a ser apresentado envolveu uma pesquisa bibliográfica, na qual o objeto de estudo é analisado a partir dos princípios da dialética, com base na reflexão sobre as diversas significações que a terminologia qualidade assume de acordo com as opções político-ideológicas que as sustentam, contrapondo-as a realidade educacional brasileira, visto que

Não há educação neutra nem qualidade por que lutar no sentido de reorientar a educação que não implique uma opção política e não demande uma decisão, também política de materializá-la. (Freire, 1993, p.44)

Assim, este trabalho visa refletir sobre o conceito de *qualidade* a partir de duas determinadas concepções político-ideológicas : uma, sob a

perspectiva da Qualidade Total na Educação e, outra, de acordo com o critério de uma Educação transformadora.

Capítulo 1

Economia global : não há progresso na estagnação.

Uma nova sociedade de caráter global está surgindo neste final de milênio. Esta “aldeia global” traz consigo novas relações profissionais, econômicas, políticas, etc.

Desse reordenamento das relações de produção que se processa mundialmente, surge a necessidade de suprir o setor produtivo das tecnologias de ponta que poderão garantir aos países uma nova dimensão na economia internacionalizada em que vivemos. A abertura do mercado brasileiro à competitividade internacional e a institucionalização do MERCOSUL¹, são exemplos claros disto.

As mudanças nos últimos anos mostram uma acelerada divisão internacional do trabalho. Caem as barreiras alfandegárias por todos os lados, ao mesmo tempo em que aumenta a especialização de certas empresas ou de certas filiais em determinadas etapas do processo produtivo. Um computador é desenvolvido em um país, mas os componentes vêm de dúzias de outros.

Em oposição à massificação e padronização, aumenta a variedade de produtos. Há maior variedade do que quer que seja, mas também cada

¹ A criação de um mercado comum como o MERCOSUL é o resultado de várias reuniões com o intuito de comunhar os interesses entre os países da América Latina, assim como os países desenvolvidos, integrantes do grupo dos Sete Grandes se reúnem periodicamente para acertar posições políticas, econômicas e cambiais.

produto é oferecido com inúmeras alternativas, tais como cores, capacidade e acessórios. Um bom exemplo disto são as montadoras de automóveis, que hoje oferecem uma dezena de modelos, cada um com uma gama infinita de combinações de motores e acessórios.

Um ritmo acelerado nas inovações em produtos e processos faz com que um modelo de computador raramente ultrapasse um ano. Além disso, há uma rapidez na criação de novos produtos, como o fax e a comunicação via computador, por exemplo.

A complexidade das organizações está crescendo progressivamente. O mundo está se transformando em uma rede entrelaçada de corporações computadorizadas. À medida em que o intercâmbio de dados eletrônicos entre as organizações cresce com as redes intercorporativas, as oportunidades tornam-se cada vez menores. Estamos caminhando para um mundo de controle de estoque imediato, transferência computadorizada de fundos sem que o usuário saia de casa ou do seu escritório e de automação de muitas decisões empresariais. Num mundo como esse, as técnicas de engenharia da informação são vitais para a organização competitiva. Só poderão vencer esta batalha as empresas que obtiverem ferramentas e metodologias automatizadas capazes de coordenar as atividades de produção e informação e, ao mesmo tempo, reduzir drasticamente os seus gastos.

Embora nem todas as empresas pertençam a estas categorias nas quais se passam transformações tão drásticas², nas economias modernas, mesmo as empresas tradicionais - aquelas que ainda não aderiram ao avanço tecnológico - são de alguma forma atacadas por tal aceleração.

²É o caso da realidade das empresas pertencentes ao chamado Terceiro Mundo.

Assim sendo, há as mudanças nos perfis da mão-de-obra, exigindo-se qualificações muito elevadas das chefias e dos departamentos de engenharia. (BEZERRA, 1992)

As novas tecnologias produtivas afetam todos os níveis da hierarquia da fábrica, ou do escritório. Não é que passem a exigir mais qualificações de todos que lá estão como forma de garantia de emprego. Pelo contrário, muitos sobram ao serem automatizados alguns processos mais simples. Mas os que ficam, têm que exibir um leque muito mais amplo de qualificações.

De fato, aumenta a variedade de habilidades exigidas e, em cada uma delas, as exigências de qualidade são também mais elevadas. Os operários a quem se delegavam pouca responsabilidade e tarefas restritas passam a ter mais poder decisório e necessidade de uma compreensão mais ampla dos procesos produtivos.

Do lado da administração e das posições técnicas de nível mais elevado, essas mudanças não são menos importantes. O ambiente de trabalho requer maior grau de interação com outras pessoas, outros departamentos e outras empresas. Há mais iniciativas tomadas fora do local de trabalho. É preciso aprender a lidar com subordinados que se tornam mais autônomos e tomam iniciativas por conta própria. O poder se torna mais difuso e menos baseado em linhas claras de autoridade. As fronteiras entre departamentos se obliteram e aumentam as tarefas realizadas em grupos matriciais. Nesse contexto empresarial, há maior clima de interação e os conhecimentos de outras ocupações/departamentos aumentam de importância.

1.1 - Qualidade Total como método gerencial

Com essas novas exigências da economia global, desponta a Gestão da Qualidade Total, que vem se tornando cada vez mais parte de nossa realidade. Próxima não apenas dos que vivem em um ambiente de empresa, mas também de cada um de nós, em nosso cotidiano.

A Gestão da Qualidade Total é um sistema estruturado e *específico* de administração, centrado no atendimento das necessidades, interesses e expectativas dos clientes.³

Este enfoque sistêmico caracteriza-se como *total* porque:

- exige a participação de todos os envolvidos no processo produtivo e na atividade empresarial;
- visa otimizar todos os setores da empresa.

A empresa, ao optar pelo Controle de Qualidade Total, pretende identificar as deficiências e os problemas que a impedem de alcançar a *excelência*.⁴

Este novo modelo gerencial - GQT ou CQT - enfatiza a adoção de estratégias de melhoria constante das atividades/processos, com vistas ao aprimoramento permanente da empresa. Trata-se, assim, de uma abordagem que busca o fortalecimento do desempenho total da empresa.

³ A escolha do léxico nunca é inocente. Os "clientes" estão livres para determinar o que querem, mas aquilo que querem já está determinado antecipadamente quando todo o quadro mental e conceitual está previamente definido em termos empresariais e industriais.

⁴ A idéia da busca da excelência estabelece uma correlação direta entre valor e a noção de qualidade do produto.

A origem deste sistema administrativo é bastante contraditória. Numa passagem de artigo, Assmann (1993) relata:

Insiste-se em que os gurus norte-americanos, assíduos viajados ao Japão nas décadas de 1950 a 1980 (Deming, Juran e, um pouco, Crosby), foram os "founding fathers" da idéia. Mas reconhece-se que os aplicadores, e geniais complementadores da "boa nova", foram os nipônicos. Pelo viés deles é que a onda teria alagado o mundo, sempre com forte ajuda de vertentes norte-americanas. (p.482)

Contudo, um aspecto é comum a todos: o Controle de Qualidade Total (CQT) é um sistema aperfeiçoado no Japão, logo após a Segunda Guerra Mundial. Este sistema é mais conhecido pela sigla TQC ("Total Quality Control") e tem como base a participação de todos os setores da empresa e de todos os empregados no estudo e na obtenção da qualidade do produto.

Juran foi o primeiro a focar a qualidade como fator gerencial e não como uma atividade restrita aos setores técnicos de controle. Segundo Juran (1990), a ativa e direta participação da gerência é a peça-chave fundamental para que a qualidade exista. A partir daí, deriva-se o conceito de Controle de Qualidade Total, que retira a qualidade do âmbito industrial e a expande para os serviços e processos administrativos.

Sendo assim, o fenômeno da qualidade não é recente. Baseado nele explica-se a elevação do Japão a potência mundial e o crescimento atual dos Tigres Asiáticos:

(...) é verdade que a questão da qualidade, que foi arduamente enfrentada pelos japoneses, se coloca como desafio, independentemente de uma análise mais detalhada das características peculiares de uma determinada estrutura econômica. (ASSMANN, 1993, p:482)

É claro que não é tão complexa que não possa ser aplicada nas empresas, mas não é tão simples que funcione sem esforço.

O TQC estrutura-se na compreensão de que, para se manter competitiva, a organização empresarial precisa prover sua gerência com instrumentos de consulta permanente dos anseios de seus consumidores.

Numa era de economia global, não é mais possível garantir a sobrevivência da empresa apenas exigindo que as pessoas façam o melhor que puderem ou cobrando apenas resultado. A rápida evolução tecnológica têm trazido ameaça à sobrevivência das empresas em todo mundo pelos mais variados motivos: pela perda da atualidade do produto quando do lançamento de um outro produto melhor e mais barato; pela baixa dos preços dos produtos importados, fazendo com que a empresa nacional perca competitividade no mercado; dentre outros.

É por esses motivos que a preocupação atual da administração das empresas em todo mundo tem sido desenvolver sistemas administrativos suficientemente fortes e ágeis, de forma a garantir a sobrevivência das empresas.

Uma empresa só pode sobreviver dentro de uma sociedade se for contribuir para a satisfação das necessidades das pessoas. Este é o seu objetivo principal. Sob esta premissa, a primeira prioridade da empresa são os consumidores. É necessário, e mesmo vital para a empresa, que

eles se sintam satisfeitos por um longo tempo após a compra do seu produto ou utilização do seu serviço.

Como atingir este objetivo ?

O objetivo principal de uma empresa (sua sobrevivência através da satisfação das necessidades das pessoas) pode ser atingido pela prática do Controle da Qualidade Total. A utilização do TQC ("Total Quality Control", ou CQT - Controle da Qualidade Total) como abordagem gerencial nas empresas, é justamente criar condições internas que garantam a sobrevivência das organizações a longo prazo. (DEMING, 1990)

Diante disto, fica mais fácil perceber o que seja "*Qualidade*". No contexto do que foi dito acima, um produto ou serviço de qualidade é aquele que atende perfeitamente as necessidades do cliente, ou seja, um produto sem defeitos e com baixo custo de produção. Assim, o verdadeiro critério da boa qualidade é a "preferência do consumidor". É isto que garantirá a sobrevivência da empresa: a preferência do consumidor pelo seu produto em relação ao concorrente, hoje e no futuro.

Portanto, a qualidade é "medida" através das características dos produtos ou serviços da empresa. Ela inclui a qualidade do produto ou serviço (ausência de defeitos e presença de características que irão agradar ao consumidor), a qualidade da rotina das operações da empresa, a qualidade do treinamento da mão-de-obra, a qualidade da administração, a qualidade do sistema, a qualidade dos engenheiros, etc. Desta maneira, Qualidade Total é todas estas dimensões que afetam a satisfação do cliente e, por conseguinte, a sobrevivência da empresa.

De acordo com Juran (1992), a empresa pode ser continuamente melhorada, compreendendo que não existe fim para o processo de melhorias e que esta é uma responsabilidade total da administração da empresa. Gerenciar, nos dias atuais, é essencialmente promover a sua melhoria e desenvolvimento contínuo, visando a sua sobrevivência, abandonando práticas gerenciais baseadas em princípios não mais vigentes no mundo de hoje.

A sobrevivência da empresa baseia-se na preocupação constante em tornar a empresa forte.

A melhoria contínua expressa a convicção de que a qualidade é um objetivo a ser perseguido consistentemente *antes* do início do processamento de produtos ou serviços, é o de estabelecer a qualidade como uma *ação preventiva*.

Embora esta idéia possa parecer corriqueira, o não entendimento do que está em jogo pode significar expressiva perda de produtividade. Admitir que um erro ocorra, "deixar que ele aconteça", implica concordar também com a necessidade de *refazer* o produto ou serviço. Isso significa comprometer os resultados esperados - quer pelo dinheiro que já se gastou, quer pelo dinheiro que se vai gastar novamente, e com isso reafirmando a definição de Crosby (1986) de que **toda qualidade tem um custo**, quer seja o custo de produzi-la, quer seja o custo de consertar o que já foi feito.

Ao mesmo tempo, constata-se que o consumidor, razão última do esforço organizacional de mudar, está ele mesmo em contínua mudança. O consumidor aprende que está pagando por tudo isso. Exige que o produto "valha aquilo que custa". Compreende que o produto tem que

manter um preço estável. Protesta e cria leis para defendê-lo. As empresas, mais uma vez, percebem que, ou se ajustam às leis de mercado ou sofrerão perdas constantes, de modo a estabelecer novas metas de redução dos custos internos, sem comprometimento da qualidade do produto.

Desconsiderar a força do consumidor - numa sociedade como a nossa, diversificada e em rápida transformação - e continuar optando pelos procedimentos tradicionais, é permitir a ocorrência de custos desnecessários e, conscientemente, determinar a "morte" da empresa, visto que

para manter uma posição de liderança no mercado, é preciso saber identificar oportunidades e ser pioneiro em oferecer respostas a elas. (JURAN, 1990, p.2)

Capítulo 2

Educação : desafios no novo século.

Os desafios que se apresentam para a Educação e para os que com ela trabalham, neste final de século, são na verdade tão ou mais complexos que o próprio desafio tecnológico ou o da superação de males crônicos decorrentes do próprio desenvolvimento (ou da falta deste), como a destruição ou degradação ambiental, a pobreza, as doenças, etc.

Isso porque a Educação tem múltiplos aspectos e componentes que a determinam, além de ser algo que não se pode prever, quantificar e ajustar do mesmo modo que metas e prioridades materiais. A Educação traz consigo um componente imponderável de humanidade e de transcendência, que a distingue e a insere dentro do conhecimento acumulado do nosso planeta. No entanto, a palavra Educação pode se concretizar de várias formas e vai depender de qual delas se toma, para que se possa ter a dimensão mais clara do objeto de estudo deste trabalho⁵.

⁵ Cabe aqui ressaltar que o conceito de qualidade, objeto de estudo desse trabalho, vincula-se a concepção que se tenha do que seja educação.

2.1 - Refletindo sobre Educação e suas principais teorias.

É fundamental ressaltar que todas as concepções educacionais são concebidas a partir de uma posição ideológica subjacente, não podendo, assim, existir uma prática educativa neutra.

Freire (1993) afirma que

(...) a prática educativa (...) implica opções, rupturas, decisões, estar com e pôr-se contra, a favor de algum sonho e contra outro, a favor de alguém e contra alguém.(p.39)

Exatamente diante deste imperativo, é impossível afirmar a neutralidade da educação, não reconhecendo a sua politicidade. Se a educação fosse neutra - *vale dizer, se não houvesse ideologias, política, classes sociais - falaríamos apenas de "equivocos epistemológicos" no processo de conhecimento, que envolve ensinar e aprender.* (FREIRE, 1993, p.38)

Nessa perspectiva, educação e poder estão estreitamente entrelaçados. Essa relação deriva de uma concepção que articula educação e sociedade e parte da consideração de que a sociedade em que vivemos é dividida em classes com interesses opostos. Trata-se, portanto, de lutar também no campo pedagógico para fazer prevalecer os interesses de uma determinada classe ou grupo social.

Silva (1990) esclarece, dizendo que

Nesse processo (...) as relações assimétricas entre classes e grupos conflitantes atuam para valorizar um determinado tipo de conhecimento e desvalorizar o de outros, para incluir as tradições culturais dos grupos e classes dominantes entre os tipos de conhecimento digno e válidos de serem transmitidos e para excluir as tradições culturais de classes e grupos subordinados. A definição daquilo que é considerado como sendo o conhecimento, e particularmente, como sendo o conhecimento escolar, nunca é um ato desinteressado e imparcial. É sempre o resultado de lutas e conflitos entre definições alternativas, em que uma delas conseguiu se impor. (p.61)

Com efeito a escola, na sociedade capitalista, sendo um instrumento de reprodução e legitimação das relações de produção, necessariamente, reproduz a dominação e a exploração.

Silva (1990), reportando-se a Apple (1989) mostra, de forma sintética, como a educação escolar está implicada nos processos de legitimação, acumulação e produção de conhecimento técnico, necessários ao funcionamento da sociedade capitalista :

A educação institucionalizada contribui para esses processos: (1) ao transmitir conceitos e visões que induzem à aceitação do modo presente de organização econômica e social (processos de legitimação), (2) ao produzir pessoas com as características cognitivas e atitudinais apropriadas ao processo de trabalho capitalista (processo de acumulação) e (3) ao estar envolvida no processo de produção do conhecimento científico e técnico necessário para a contínua transformação do processo de produção capitalista. (p.60)

No entanto, a discussão da relação entre educação e sociedade se fundamenta na concepção de sociedade que as principais teorias da educação trazem em seu discurso.

Saviani (1991) organiza e classifica as principais teorias educacionais em dois grupos: *as teorias não-críticas* e *as teorias críticas*.

O primeiro grupo, das teorias não-críticas⁶, entende a educação como o instrumento de promover a equalização social, portanto, tendo a função de corrigir os desvios sociais através dos esforços educativos. A sociedade é concebida como essencialmente harmoniosa, tendendo à integração de seus membros.

Constitui, pois, uma força homogeneizadora que tem por função reforçar os laços sociais, promover a coesão e garantir a integração de todos os indivíduos no corpo social. (SAVIANI, 1991, p.16)

As teorias não-críticas encaram a educação como sendo autônoma e buscam compreendê-la a partir dela mesma, ou seja,

(...) no que respeita às relações entre educação e sociedade, concede-se a educação com uma ampla margem de autonomia em face da sociedade. Tanto que lhe cabe um papel decisivo na conformação da sociedade evitando sua desagregação e, mais do que isso, garantindo a construção de uma sociedade igualitária. (SAVIANI, 1991, p.16)

⁶ Pedagogia Tradicional, Pedagogia Nova e Pedagogia Tecnicista. Para aprofundamento do assunto, ver Saviani (1991).

Estas teorias são chamadas de não-críticas, por Saviani (1991), porque consideram apenas a ação da educação sobre a sociedade e desconhecem as determinações do fenômeno educativo.

Como tais teorias são decorrentes do modelo de sociedade capitalista, é claro, que não permitem propostas de transformação social. Dessa forma, elas defendem a idéia de que a escola tem por função preparar os alunos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com o modelo de sociedade preconizado pela classe ou grupo dominante. A ênfase no aspecto individual esconde a realidade das diferenças de classes, pois, embora difundam a idéia de igualdade de oportunidades, não levam em conta a desigualdade de condições dos outros.

Inversamente, aquelas do segundo grupo, - as teoria críticas -, concebem a sociedade marcada, essencialmente, pela divisão entre classes ou grupos antagônicos que se *relacionam à base da força, a qual se manifesta fundamentalmente nas condições de produção da vida material.* (SAVIANI, 1991, p.16)

São chamadas de críticas porque compreendem a educação a partir de seus determinantes sociais - remetendo-a *à estrutura sócio-econômica que condiciona a forma de manifestação do fenômeno educativo* (SAVIANI, 1991, p.17), ou seja, são aquelas que passam a analisar criticamente a sociedade e entendem que a escola não pode ser vista isolada dos fatores sócio-econômico-culturais que interferem no processo educativo. Estas teorias entendem que a função básica da educação é a reprodução da sociedade.

Como exemplo, Saviani (1991), destaca três teorias que mais tiveram repercussão e que alcançaram um maior nível de elaboração⁷:

- a teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica, desenvolvida por Bourdieu e Passeron.

- a teoria da escola enquanto aparelho ideológico do Estado (AIE), de Althusser.

- a teoria da escola dualista, elaborada por Baudelot e Establet.

Educação aqui, pois, não será entendida apenas como qualificação e preparação dos indivíduos para exercerem uma atividade qualquer, nem como o momento em que o mestre *dispensa* aos discípulos o seu saber. Educação será entendida como um processo social dos mais complexos que se inicia na família e se prolonga pela vida afora, mas que, para ser garantido e se permitir que possua uma ação efetiva, é necessário que seja normatizado, teorizado e desenvolvido experimentalmente.

Para tal, a Educação deve envolver-se no desenvolvimento teórico da área, na necessidade de pesquisa, assim como na necessidade de uma formação integral e sistemática dos educadores, (...) *superando os fáceis esquemas de capacitação instrumental em métodos e técnicas e apontando para o enfoque teórico-prático que engloba os diferentes aspectos (sociais, pedagógicos, epistemológicos) que formam toda a tarefa educativa.* (TORRES, 1990, p.17)

⁷ Para uma análise mais detalhada destas teorias da educação, ver Saviani (1991).

Portanto, a prática educativa será reconhecida como uma prática político-ideológica, que se recusa a limitar-se aos procedimentos escolares burocráticos, mas que se preocupa seriamente com a leitura crítica do mundo, não aceitando a posição de neutralidade política da Educação. Todavia, considerando a existência de uma relatividade de “visões sociais do mundo”⁸, quer seja de uma *visão social ideológica*, que busca “legitimar, justificar, defender ou manter a ordem social”, quer seja de uma *visão social utópica*, que tenha uma “função crítica, negativa, subversiva, que aponte para uma realidade ainda não existente”. (LÖWY, 1988) Além disso, acreditando que nada seja eterno, fixo ou absoluto, pois, segundo Löwy (1988)

Não existem idéias, princípios, categorias, entidades absolutas, estabelecidas de uma vez por todas. Tudo o que existe na vida humana e social está em perpétua transformação, tudo é perecível, tudo está sujeito ao fluxo da história. (p.14)

Portanto, todas as visões de mundo são produtos sociais, que devem ser analisadas no seu desenvolvimento histórico, ou seja, somente pela desmistificação é que podemos combater uma determinada visão de mundo que tenha a pretensão de se validar como absoluta em detrimento da outra⁹. Para se compreender uma ideologia, uma teoria, é necessário que seja relacionada com o todo, com o conjunto social e histórico do

⁸ Conceituação de Löwy (1988).

⁹ No nosso caso, da imposição dos valores da classe dominante às camadas populares.

momento, *com os aspectos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de classes sociais, etc.* (LÖWY, 1988, p.16)

2.2 - Educação, para além das teorias ?

Fato incontestado hoje, em todos os quadrantes do globo, é o fenômeno da massificação dos sistemas educacionais, que se iniciou no século passado nos países avançados, mas que hoje cobre todos os países do mundo. A Educação tornou-se, assim, alvo de preocupações governamentais, deixando de ser uma questão privada, dos seus interessados mais diretos, e passou a ter um direcionamento público, de Estado. No momento em que há uma redefinição amplamente política e econômica que se tem convencido denominar de globalização, cabe então perguntar: como está sendo pensada a Educação, nesse momento, por aqueles que participam consciente ou inconscientemente desse fenômeno ? Como se dará a inserção dos sistemas educacionais na *nova ordem mundial* ?

Que tipo de educação devem receber as crianças que viverão em um mundo em permanente transformação tecnológica e cada vez mais competitivo no campo do trabalho, onde as economias nacionais tendem a se entrelaçar continuamente seguindo a lógica do capital internacional - um mundo que mais e mais se assemelha a uma aldeia global, graças às infindáveis possibilidades das telecomunicações ?

Nos países ricos, atualmente, as preocupações centram-se sobretudo nos aspectos da eficiência e da qualidade da Educação e nas

questões relativas à formação continuada dos trabalhadores (SOUZA, 1993). Isso faz com que as metas buscadas para a Educação, no Primeiro Mundo, se subordinem à questão da integração à economia global e pressupunham, como seu objetivo inicial, o sucesso econômico.

A preocupação com a qualidade fundamenta a discussão sobre de quais fatores depende o bom desempenho educacional. Pergunta-se, então, quais seriam hoje os determinantes para a *eficiência* educacional: os fatores estruturais, como os recursos materiais e/ou humanos, ou os fatores culturais, como o interesse e a motivação dos alunos, por exemplo. O ponto comum dessa discussão é o crescimento econômico voltado para a competitividade internacional. Nesse sentido, já há um crescente investimento das empresas na educação de seus funcionários, visando à elevação de sua produtividade e à competitividade nos mercados globais.

Frigotto (1995) ressalta este ponto, dizendo que:

Os novos conceitos relacionados ao processo produtivo, à organização do trabalho, e à qualificação do trabalhador aparecem justamente no processo de reestruturação econômica, num contexto de crise e acirrada competitividade intercapitalista e de obstáculos sociais e políticos às tradicionais formas de organização da produção. A integração, a qualidade e a flexibilidade constituem-se nos elementos-chave para dar os saltos de produtividade e competitividade. (p.43)

Diante de uma economia imprevisível, o retreinamento e a reciclagem do trabalhador serão uma necessidade constante, mas que, por sua vez, aponta para a conseqüente rotatividade da mão-de-obra no

futuro, materializando um crescente desemprego e, com isso, o enfraquecimento do poder sindical.

Ao mesmo tempo que este tipo de sistema de produção sintetiza sua lógica excludente, ele expõe um perspectiva apologética do mesmo. Segundo Frigotto (1995) reportando-se ao livro *The machine that changed the world* (1990), fruto de um estudo de pesquisadores americanos em conjunto com pesquisadores de outros países,

Trabalhadores em excesso têm que ser expulsos rápida e completamente da fábrica para garantir que as inovações dêem certo. (p.52)

No momento presente, as respostas buscadas, no que se refere aos projetos educacionais, diferem entre os países ricos e pobres. Todavia, os países pobres se esforçam em utilizar e adequar-se aos parâmetros mundiais, não apenas no aspecto mercadológico, mas também na esfera cultural, visto que a globalização da economia levou à unificação dos sistemas de mercado e a uma nova era de influência cultural dos países hegemônicos.¹⁰

2.3 - Educação, hoje.

Diante da presente formação de um economia global, qual é a Educação que se procura para estas realidades tão distintas ?

¹⁰ Para compreender melhor o termo hegemônico, ver Gramsci (1978).

Esta discussão, já adiantada nos países industrializados do Primeiro Mundo, está na ordem do dia também no Brasil, embora ainda restrita aos meios acadêmicos e instituições de pesquisa.

Há, pois, hoje uma gama de posicionamento com relação a que tipo de educação deve determinado povo ou nação recorrer para formar suas futuras gerações ou direcionar as atuais, diante dos inúmeros desafios a serem enfrentados no novo século.

De acordo com Sandrini (1994),

Numa realidade que exclui, progressivamente, pessoas da participação econômica e política, ela [a qualidade de ensino] pode significar mais marginalização. (p.25)

É por causa disto, que se deve ter a compreensão de que uma mesma prática educativa, uma mesma metodologia de trabalho não operam em contextos diferentes de forma idêntica. *É por isso que insisto tanto em que as experiências não podem ser transplantadas mas reiventadas.* (Freire, 1993, p.48)

É por isso que, quando se fala em qualidade de ensino, nem todos falam a mesma coisa. Souza (1993) aponta três linhas de pensamento que estão sendo discutidas hoje em várias partes do mundo.

A primeira pode ser classificada como uma visão *mecanicista* ou *capitalista*, que centra sua preocupação sobretudo nos aspectos da eficiência e da qualidade do ensino e na educação continuada dos trabalhadores. Essa tendência busca, portanto, a eficiência econômica e a competitividade nos mercados internacionais. Por isso, necessita de uma

formação altamente qualificada, de acordo com os padrões globais de produtividade, adaptabilidade e universalidade. Essa é a educação perseguida atualmente pelos Estados Unidos, a Coreia do Sul, o Japão e a Inglaterra pós-Margareth Thatcher.

Essa visão economicista visa treinar pessoas para ocupar postos de trabalho e competir na economia de mercado. (SOUZA, 1993, p.12)

A segunda corrente, predominante no Brasil, é a *terceiro-mundista*, segundo a qual o Estado é a base de tudo. Ela rejeita amplamente os parâmetros econômicos como critérios educacionais e quer, sobretudo, que o Estado assuma o ônus educacional nos países pobres, para tornar a escola aceitável e mais eficiente do que ela é nas atuais circunstâncias.

É a educação estatal, que combate a visão mecanicista, mas que está impregnada de concepções populistas sobre o ensino. O Estado, como pai de todos, é o único responsável por fornecer educação gratuita, laica e de boa qualidade. (SOUZA, 1993, p.14)

A terceira concepção educacional, que visa solucionar os impasses do setor, é chamada de *culturalista* ou *novo humanismo*, que pretende superar as duas anteriores. Essa última tendência acredita que a educação e seus agentes devem estar atentos para grandes questões e à superação urgente de problemas globais como o da fome, miséria, lutas étnicas, poluição ambiental, etc.

É a educação que vai sair dos movimentos sociais - sindicais, das minorias, ecológicos, pacifistas, anti-

racista - , preocupada com a formação integral do ser humano e que pode ser o elo cultural de ligação entre diferentes nações, economias e posições. (SOUZA, 1993, p.15)

Diante de diferentes perspectivas, é importante ressaltar com isto, que as mudanças terminológicas do conceito *qualidade*, expressam diferentes “visões de mundo”¹¹. Assim, o termo *qualidade* tanto pode abarcar as políticas educacionais que hoje ganham terreno, como as do início dos anos setenta, as quais preconizavam uma “igualdade de oportunidades” :

A igualdade de oportunidades era, por assim dizer, a síntese da igualdade (no ponto de partida) e a busca da qualidade (em torno da seleção, no ponto de chegada). Mas enquanto a palavra de ordem da igualdade de oportunidades coloca ênfase no comum, a da qualidade enfatiza a diferença. (ENGUITA, 1995, p.105)

De acordo com Enguita (1995), igualmente se mudou os objetivos pelo qual a educação é vinculada:

(...) se antes se vinculava insistentemente a educação ao objetivo do desenvolvimento, agora se vincula ao da competição internacional. Este deslocamento tampouco é inocente, pois, enquanto o desenvolvimento é o objetivo dos países pobres, a competitividade o é dos países ricos. (p.105)

¹¹ ver Löwy (1988).

Logo, conclui-se que não há um critério universal de qualidade, mas, sim, *existem diversos critérios históricos que respondem a diversos critérios e intencionalidades políticas.* (SILVA, 1995, p.172)

Diante da ampla reorganização político-econômica, novos conceitos ou antigas propostas são redefinidas, de acordo com os interesses da sociedade capitalista. Uma dessas noções centrais, importada do domínio do mercado e da empresa capitalista para o campo educacional, é a chamada Escola de Qualidade Total.

CAPÍTULO 3

Escola pode ser um bom negócio.

E, agora ? Qualidade Total na Educação virou *moda*... Se não fosse assim, os educadores e profissionais das áreas afins estariam *por fora* de um dos temas mais recentes e atuais que circulam no meio administrativo. A onda *Qualidade Total* se espalhou de tal maneira que, por todos os lados, multiplicam-se cursos, palestras, simpósios, especialistas e publicações sobre o assunto. Segundo artigo de Jornal do Conselho Regional de Administração (RJ), diversas empresas têm exibido vídeos de treinamento das mais conceituadas produtoras, especialmente para agregar equipes e incentivar o trabalho *com qualidade*.

Na Educação, o envolvimento é também tão grande que rapidamente diversos órgãos oficiais (como o MEC, por exemplo) e/ou instituições significativas (diversas universidades) têm aderido à campanha pela *Qualidade Total na Educação*.

Secretarias Estaduais de Educação, como é o caso de Minas Gerais, embarcaram oficialmente na cruzada. Uma série de universidades (PUC de Curitiba, Universidade de São Francisco, etc.) criaram, embora com objetivos ainda em formulação, unidades específicas para a gestão da qualidade. Começam a surgir Mestrados em Qualidade, por exemplo em Unicamp. Coordenadorias para a relação universidade-empresas estão surgindo um pouco por todo lado. Cresce o número de palestras e cursos sobre a qualidade no interior das instituições educacionais. (ASSMANN , dez/93, p.489)

Cabe aos educadores, comprometidos na construção de uma sociedade democrático-participativa, indagar que desafios estão presentes, de forma explícita ou não, na questão da Qualidade Total na Educação. Sob qualquer enfoque que se queira direcionar a discussão - seja sob a ótica *eficientista* ou sob o enfoque *ético-político-humanista* - seus resultados devem ser encarados sob o maior zelo.

Sobre isto, Coelho (1995) reflete em seu trabalho :

*Cabe-nos perguntar, então: Afinal, para quê,
para quem e por quê a denominada Qualidade Total ?
(p.3)*

3.1 - Qualidade Total e Educação.

A proposta desta *nova escola* baseia-se na formação dos *ativos humanos* aptos a gerenciarem o setor público e privado na reformulação de suas estruturas à nova ordem econômica.

Para tanto, o professor deverá se atualizar em relação às linguagens tecnológicas - da TV, do vídeo e da informática - , utilizando-as para tornar suas aulas mais atraentes.

A implantação da multimídia nas escolas vem ao encontro do desejo de substituir instrumentos obsoletos de transmissão de conhecimentos, como o giz e o quadro-negro, por outros mais modernos e de maior apelo aos jovens.

Mas ... , será só isto ?

A noção de Qualidade Total na Educação está estreitamente vinculada a toda uma concepção política e social que nada tem de inocente. Pelo contrário, está ligada a propostas de reorganização político-ideológica, econômica e social que carregam importantes e preocupantes conseqüências.

Com a transformação do perfil da mão-de-obra necessária às novas circunstâncias do avanço tecnológico e econômico, inevitavelmente, a escola requerida nesta nova sociedade será outra. Como, atualmente, há uma preocupação das empresas em garantir a sua sobrevivência no mercado nacional e internacional, estas encontraram um ponto crucial nesta batalha : a Educação.

Por sua importância político-estratégica, a escola e a educação também são alvos de destaque nessa proposta de *reforma* política e social, advogada pelos arautos dessa renovada forma de darwinismo social. De acordo com Silva (1995),

Quando questões de igualdade/desigualdade e justiça/injustiça se traduzem em questões de qualidade/falta de qualidade quem sofre não são aqueles que já tem suficiente qualidade, mas precisamente aqueles que não a têm e que vêem reduzidas suas chances de obtê-la, pelo predomínio de um discurso que tende a obscurecer o fato de que a sua falta de qualidade se deve ao excesso de qualidade de outros. (p.22)

Considerando-se que a Educação constitui uma conquista social e porque está envolvida na produção da memória histórica e dos sujeitos sociais, Silva (1995) admite que :

Integrá-la à lógica e ao domínio do capital significa deixar essa memória e essa produção de identidade pessoais e sociais precisamente no controle de quem tem interesse em manipulá-la e administrá-la para seus próprios e particulares objetivos. (p.28)

A Educação torna-se mais estratégica, já que o processo produtivo tem sua qualidade e competitividade condicionadas à capacidade de organização processual, prevenção de falhas, incremento qualitativo dos processos e etapas produtivas, habilidade e rapidez para processar informação e tomar decisões.

A partir daí, percebe-se que a concepção de uma Escola de Qualidade Total vem ao encontro dos propósitos das empresas e indústrias, de modo a garantir o fornecimento de mão-de-obra com todas as qualidades capazes de suprir as necessidades do campo produtivo-empresarial, assegurando, assim, às empresas, um suporte na sobrevivência das mesmas. Dessa maneira, a Educação passa a ocupar um lugar central como fator importante na qualificação dos recursos humanos requeridos pelo novo padrão de desenvolvimento, no qual a produtividade e a qualidade dos bens e produtos são decisivos para a competitividade internacional.

É fácil concluir daí que, a Educação numa sociedade de classes transmite os modelos sociais da classe dominante [capitalista], forma os cidadãos para reproduzirem essa sociedade, difunde idéias [político-ideológicas] dessa classe e reproduz, por isto tudo, a dominação de classe. (GADOTTI, 1983, p.140)

Como foi visto anteriormente, a Qualidade Total nas empresas é vista como um método gerencial capaz de criar *condições internas* eficazes à sobrevivência das organizações. Já a Qualidade Total na Educação visa assegurar os *meios externos* (porque se encontra fora do ambiente estrutural daquelas), pelos quais a escola servirá aos objetivos empresariais e industriais.

Como a Qualidade Total na Educação pretende atingir seus propósitos ?

Primeiro, atrelando a Educação institucionalizada aos objetivos estreitos de preparação para o local de trabalho, ou seja, preparando os alunos para a competitividade do mercado nacional e internacional. Segundo, preparando os estudantes para aceitar os postulados do credo liberal, a fim de proclamarem as *excelências* do livre mercado e da livre iniciativa. E, por último, não se limitando somente ao campo educacional, servindo-se da utilização e do controle dos meios de comunicação de massa na divulgação de seus postulados liberais. (SILVA, 1995). De maneira que :

(...) se torne impossível pensar o econômico, o político e o social fora das categorias que justificam o arranjo social capitalista. Nesse aspecto hegemônico, visões alternativas e contrapostas à liberal/capitalista são reprimidas a ponto de desaparecerem da imaginação e do pensamento até mesmo daqueles grupos mais vitimizados pelo presente sistema, cujos males, estranhamente, são atribuídos não ao seu núcleo econômico-capitalista, mas ao suposto fato de que ainda não é suficientemente capitalista. (SILVA, 1995, p.14)

3.2 -A Escola de Qualidade Total : no Brasil.

No Brasil, nos últimos anos, chega às escolas o programa de Qualidade Total concebido no Japão e trazido pelas mãos de *engenheiros*, enfatizando, em princípio, os mesmos pontos, mas com uma novidade: o problema da Educação está na maneira de gerir a escola, e não, no sistema de ensino e suas vinculações com a as relações políticas.

De acordo com os enfoques abordados pela Qualidade Total na empresa, a Pedagogia da Qualidade Total ¹² caracteriza-se como *Total* porque :

- engloba a *Escola inteira*;
- exige participação de todos os envolvidos na tarefa educativa da Instituição, tanto os Profissionais como os seus Clientes;
- visa otimizar igualmente todos os Setores da Organização. (RAMOS, 1994, p.7)

Esta concepção transplanta os princípios da gerência administrativa para a escola, uma vez que a grande preocupação da Qualidade Total em relação à Educação se refere à gestão administrativa da escola.

Para Ramos (1994), a Escola de Qualidade Total seria uma solução possível para a crise educacional do país. A escola é vista como uma empresa, cujo sucesso depende de um bom planejamento.

Nesta perspectiva, isto só ocorrerá a partir de um *Pacto para a Qualidade*, ou seja, elaborando um plano de ação, com objetivos,

¹² Uma das várias denominações referente à Qualidade Total na Educação.

métodos, prazos e formas de avaliação estabelecidos em conjunto entre diretores e funcionários da escola, pais, alunos, pessoal administrativo do setor educacional e prestadores de serviços, como empresas e editoras. Todos podem ajudar na busca e na implantação de idéias que melhorem o trabalho, a convivência e a rotina escolar¹³.

Ramos (1994) acrescenta que

Ao optar pela Gestão da Qualidade Total, a Escola colocará prioridade no olhar para dentro, no revisitar-se, a fim de identificar as deficiências e os problemas que a impedem de alcançar a excelência. (p.7)

Ramos (1994) vai mais além, ao comentar que

Na verdade,..., é possível afirmar que a Educação de má Qualidade tem profundas implicações para a sobrevivência e o futuro do País. Senão vejamos: professores incompetentes fornecem ensino deficiente; que ocasiona alunos pouco educados; que redundam em profissionais mal preparados; que se constituem em recursos humanos inadequados para as Empresas (públicas ou privadas) e que, finalmente, põe em perigo a existência da Nação. (p.75)

Essa visão da Escola de Qualidade Total, do que sejam os males da nossa Educação, demonstra, claramente, uma ausência de criticidade em relação aos determinantes sociais e políticos do fenômeno educativo. Por outra, é possível perceber uma teoria embutida a favor do funcionamento da sociedade capitalista, ao considerar apenas a ação da Educação sobre a sociedade. Além disso, como Ramos (1994) afirmou mais acima, a Escola

¹³ Para maiores detalhes, ver Ramos (1994).

de Qualidade Total deve ter olhos apenas para dentro do aparelho escolar, o que não permite, portanto, uma visão mais ampla das causas dos problemas que a atual Educação enfrenta.

Reflexões críticas sobre a Qualidade Total na Educação.

Não se pode discordar da precária Educação existente no Brasil. Entretanto, o problema está na referência que se toma para avaliar o estado da Educação atual e nas conseqüentes soluções que são propostas.

Na visão neoliberal, o ponto de referência são as necessidades de competitividade e lucro das empresas. Como conseqüência, as soluções propostas pela visão empresarial visam a reestruturação do sistema educacional às necessidades da indústria e do comércio.

A competitividade crescente no mercado induz algumas escolas a entrarem nesta lógica capitalista, fazendo com que elas se distanciem do seu fim original, que é a formação plena do indivíduo/cidadão numa sociedade mais justa e mais humana, limitando-se à preparação e ao treinamento do aluno/cliente para a concorrência no mercado de trabalho.

Mas essa redefinição neoliberal da Educação como treinamento tende a acentuar as presentes divisões sociais na medida que os aspectos políticos e sociais são retirados do processo educacional, cooptando e invalidando o discurso de democratização e qualidade de ensino propostos pelos educadores progressistas. (GANDIN, 1994)

Com isso, a *Qualidade* na Educação foi assumindo a fisionomia que esta possui no âmbito empresarial, não se diferenciando assim da lógica produtivista e mercantil que caracteriza os critérios segundo os quais é medida e avaliada a qualidade no mundo dos negócios. Deste modo, qualidade educativa, na concepção neoliberal, significa a

capacidade produtiva apta a organizar processos realmente competitivos e qualitativos.

A empresa almeja o seu próprio sucesso, o seu lucro. Quanto maior for a produção com menores custos, maior qualidade a empresa terá. Na sua razão de ser, *isto é qualidade*. O elemento central do processo é a própria empresa e não mais as pessoas que a integram e que são as verdadeiras responsáveis pelo seu sucesso.

Nesta perspectiva, admitir a escola como empresa é, com isso, descaracterizar o aluno como elemento central do processo (já que os valores empresariais são completamente distintos dos valores educacionais). É ainda considerar que a escola só é de qualidade quando a mesma prepara (treina) o indivíduo adequadamente para competir no mercado de trabalho.

Sendo assim, o conceito de *qualidade* na Educação passa por uma profunda redefinição, a fim de atender aos anseios capitalistas. A qualidade vincula-se ao adestramento e capacitação das pessoas e instaura-se a partir da satisfação de necessidades e desejos da *clientela* (pais e alunos). Os alunos são descaracterizados como seres atuantes e pensantes, passando a ser considerados como *clientes* do *serviço educacional*, no qual a qualidade é conquistada por aqueles que podem pagá-la.

Como as concepções e interpretações têm sempre uma posição ideológica subjacente e o contexto histórico está em movimento constante, não se pode pensar que exista uma “qualidade” válida para todos ou permanente no tempo e no espaço. Nesse sentido, *competitividade e qualidade não apontam para compromissos sociais*.

(DEMO,1993) No entanto, como solução, emerge um conceito de qualidade vinculado ao discurso de uma *Educação democratizadora*, que defende a igualdade no acesso e na qualidade recebida por todos os cidadãos, sem qualquer diferenciação.

Conclui-se, portanto, que um critério universal de qualidade não existe. Existem diversos critérios históricos que respondem a diversas intencionalidades políticas. Um é o critério de qualidade como mecanismo de diferenciação e dualização social. Outro, o da qualidade como fator indissoluvelmente unido a uma democratização da educação e a um fortalecimento da escola pública. (GENTILI, 1995).

Democratização do ensino supõe uma sociedade plenamente democrática, na qual não pode existir contradição entre o acesso à educação e a qualidade do serviço por ela oferecida. Assim, em uma sociedade democrática e moderna, a qualidade da educação é um direito inalienável de todos os cidadãos.

Educação e Qualidade formam uma totalidade envolvida no processo de transformação social, no qual os dois termos têm papéis fundamentais numa ação interativa e dialética. Sem uma educação de qualidade torna-se muito difícil uma mudança social. Contudo, sem a ocupação dos espaços educacionais por aqueles a quem interessa a transformação, nada se faz.

Por causa disto, a Educação é um alvo estratégico, porque constitui uma conquista social das lutas populares e porque está envolvida na produção da memória histórica e dos sujeitos sociais. Integrá-la à lógica do capital significa deixar essa memória pessoal e social no controle de

manipuladores. O que subjaz ao princípio da Escola de Qualidade Total é uma ofensiva antidemocrática, a qual nega o direito de todos à Educação.

Toda melhoria da qualidade de ensino passa por um grande esforço de pensar a educação que se faz. É importante pensar no papel dos educadores envolvidos no compromisso da produção de uma memória histórica e de sujeitos sociais, para que forças antagônicas não moldem o espaço educacional de acordo com objetivos que não sejam exatamente os de justiça, igualdade e de um futuro melhor para todos.

Desta maneira, a escola, modelada segundo as relações econômicas e sociais da sociedade capitalista, passa a promover o avanço da lógica da exclusão ao selecionar os melhores, os mais capazes a competir no mercado e a preterir os menos favoráveis economicamente que não podem pagar por uma qualidade na educação.

A escola, nessa perspectiva, chega a ser perversa, porque, na verdade, colabora para a preservação dessas discriminações econômicas e sociais, legitimando os privilégios, pelas condições de sucesso que oferece às classes dominantes, e a dominação, através do fracasso a que conduz as classes dominadas, pela negação, a elas, de condições de sucesso. (SOARES, 1986, p.71)

Essa concepção da escola dualizadora e mantenedora das desigualdades sociais é criticada por aqueles que, ao contrário, a vêem articulada com os processos de transformação social.

Há uma tendência de Educação que também apresenta uma proposta para os problemas educacionais existentes no nosso país : a *visão progressista* de Educação. Sob uma perspectiva sócio-política, essa

visão afirma que não interessa à classe capitalista / dominante a educação da população carente. Nela, a Educação não é vista como um sistema isolado da sociedade, mas tendo como referência as estruturas políticas. Enfatiza, também, a cidadania e o direito dos cidadãos intervirem na realidade.

Soares (1986) esclarece :

As relações de dominação social e política que caracterizam uma sociedade de classes geram antagonismos e contradições, que constituem o germe da transformação social. Na escola, espelho da sociedade, estão presentes esses mesmos antagonismos e contradições : os antagonismos e contradições levam-na a ser, apesar de determinada pela estrutura social em que se insere, um espaço de atuação de forças progressistas, isto é, de forças que a impelem em direção à transformação social, pela superação das desigualdades sociais.(p.73)

Este modo de ver a Educação reconhece que a camada popular tem o direito de acesso à escola¹⁴ para que esta possa adquirir os conhecimentos e habilidades da classe dominantes como uma forma de instrumentalização na luta contra as desigualdades sociais e econômicas.

Nesse sentido, a Educação *transformadora* articula a escola com os processos de transformação social, gerados pelas relações de contradição que caracterizam uma sociedade de classe. Assim, entende-se que a escola pode ter duas funções distintas: a de legitimar os privilégios da classe dominante já garantidos pela sua origem de classe, ou ser a instância na

¹⁴ Ir à escola é um direito inalienável da população.

qual as camadas populares se instrumentalizam para a participação no processo de transformação social.

Segundo Soares (1986) :

Uma escola transformadora é, pois, uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econômicas, e que, por isso, assume a função de proporcionar às camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos que lhes permitam conquistar mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social. (p.73)

Portanto, *a qualidade*, nesta perspectiva, implica na concepção de uma prática educativa vinculada com a prática política. Sendo assim, a prática educativa progressista interessa-se em possibilitar o ensino de conteúdos a todos tanto quanto a sua conscientização. Dessa forma, os conteúdos (compreendidos como *qualidade formal*) são tão importantes, como forma de instrumentalização das classes populares, quanto a análise que façam da realidade concreta (compreendida como *qualidade política*), capaz de desvelar as verdades ocultas, a fim de compreender as tramas sociais e históricas ¹⁵.

Qualidade, aqui concebida, consiste em inserir os grupos populares no movimento de *superação do saber do senso comum pelo conhecimento mais crítico, mas além do "penso que é", em torno do mundo e de si no mundo e com ele*".(FREIRE, 1993,p.29)

¹⁵ Ver Freire (1993) e Demo (1993).

Com isso, este trabalho monográfico teve a intenção de advertir os educadores e profissionais afins de que a *Qualidade da Educação* não pode ser transformada em uma mercadoria vendida ao que der a melhor oferta, pois não pode existir uma contradição entre o acesso à escola e o tipo de serviço por ela proporcionado. Pelo contrário, o discurso de qualidade deve inserir-se na democratização radical do direito de todos à Educação, havendo igualdade na qualidade recebida por todos os cidadãos, sem qualquer distinção sócio-econômica.

Finalmente, é crucial, sobretudo nos países em desenvolvimento, que se reformulem os conteúdos educacionais, que se reestruturem as idéias pedagógicas e que se qualifiquem e valorizem profissionalmente aqueles que serão responsáveis por ela.

Referência Bibliográfica :

- APPLE, M.W. **Educação e poder**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- ASSMANN, H. "Pedagogia da qualidade em debate". In: **Educação e Sociedade**, Revista de Ciência da Educação, Campinas, ano 14(46): 476- 507, dez.1993.
- BEZERRA, J.C. **O desenvolvimento dos recursos humanos na busca da perpetuação da qualidade**. São Paulo, Imann, 1992.
- COELHO, L.M.C. da C. **Ensino fundamental, escola pública de horário integral e qualidade de ensino**. Rio de Janeiro, UNI-RIO, 1994.
- COSTA, M. de A. "Construindo a qualidade de ensino da escola básica". In: **Qualidade de ensino: a escola pública de tempo integral em questão**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995. Tese de doutoramento.
- CROSBY, P.B. **Qualidade é investimento**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.
- CRUZ, C.H.C. "A qualidade como processo". In: **Qualidade Total na Educação - A mudança conservadora**. Revista da Educação AEC, Brasília, ano 23(92): 61-74, jul/set.1994.
- DAMKE, I.R. "Cidadania e Educação Libertadora". In: **Qualidade Total na Educação - A mudança conservadora**. Revista da Educação AEC, Brasília, ano 23(92): 127-141, jul/set.1994.
- DEMING, W.E. **Qualidade: a revolução da administração**. Rio de Janeiro, Marques Saraiva, 1990.
- DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. Rio de Janeiro, Vozes, 1993.
- ENGUITA, M.F. "O discurso da qualidade e a qualidade do discurso". In: **SILVA, T.T. Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo, Cortez, 1993.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. "Educação e formação humana: ajuste neoconservador e alternativa democrática". In: **SILVA, T.T. Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1995.

- GANDIN, L.A. "Qualidade Total em educação: a fala mansa do neoliberalismo". In: **Qualidade Total na Educação - A mudança conservadora**. Revista da Educação AEC, Brasília, ano 23(92): 75-80, jul/set.1994.
- GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação**. São Paulo, Cortez, 1983.
- _____. **Diversidade cultural e educação para todos**. São Paulo, Graal, 1992.
- GENTILI, P.A.A. "O discurso da qualidade como nova retórica conservadora no campo educacional". In: SILVA, T.T. **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1995.
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- GRUPPI, L. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro, Graal, 1980.
- JORNAL DO CONSELHO REGIONAL DE ADMINISTRAÇÃO, Rio de Janeiro, out.1995.
- JURAN, J.M. **Juran na liderança pela qualidade**. São Paulo, Pioneira, 1990.
- _____. **A qualidade desde o projeto**. São Paulo, Pioneira, 1992.
- LIMA, L.C. "Contra-educando com Qualidade Total". In: **Qualidade Total na Educação - A mudança conservadora**. Revista da Educação AEC, Brasília, ano 23(92): 89-112, jul/set.1994.
- LÖWY, M. **Ideologia e Ciência Social**. São Paulo, Cortez, 1988.
- MELLO, Guiomar de. **Social Democracia e Educação**. São Paulo, Cortez, 1993.
- NETTO, J.P. **Crise do Socialismo e ofensiva neoliberal**. São Paulo, Cortez, 1993.
- RAMOS, Cosete. **Pedagogia da Qualidade Total**. Rio de Janeiro, Qualitymark, 1994.
- _____. **Excelência na educação, a escola de qualidade total**. Rio de Janeiro, Qualitymark, 1992.
- SANDRINI, P.M. "Paradigma da qualidade". In: **Qualidade Total na Educação - A mudança conservadora**. Revista da Educação AEC, Brasília, ano 23(92) : 25-40, jul/set.1994.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo, Cortez, 1991.

SILVA, T.T. "A nova direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia". In: SILVA, T.T. **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação**". Petrópolis, RJ, Vozes, 1995.

_____. **Currículo, conhecimento e democracia**. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo, (73): 59-66, maio 1990.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola - uma perspectiva social**. São Paulo, Ática, 1986.

SOUZA, M.I.S. **Nova ordem global - novos desafios para a educação**. In: Revista Dois Pontos, Minas Gerais, 1993.

TORRES, R.M. "Ações nacionais de alfabetização de adultos na América Latina: uma revisão crítica". In: **Alfabetização de adultos na América Latina**. Cadernos de Educação Popular, Rio de Janeiro, Vozes, 1990.

XAVIER, A.C.da R. **Reflexões sobre a qualidade da educação e a questão da qualidade total nas escolas**. In: Revista Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, 20(101): 24-27, jul/ago,1991.